



SEGURANÇA

Escritório no Equador para estreitar contato

Representação da PF servirá como canal de troca de experiências no combate ao crime organizado nos países

» RENATO SOUZA
» FABIO GRECCHI

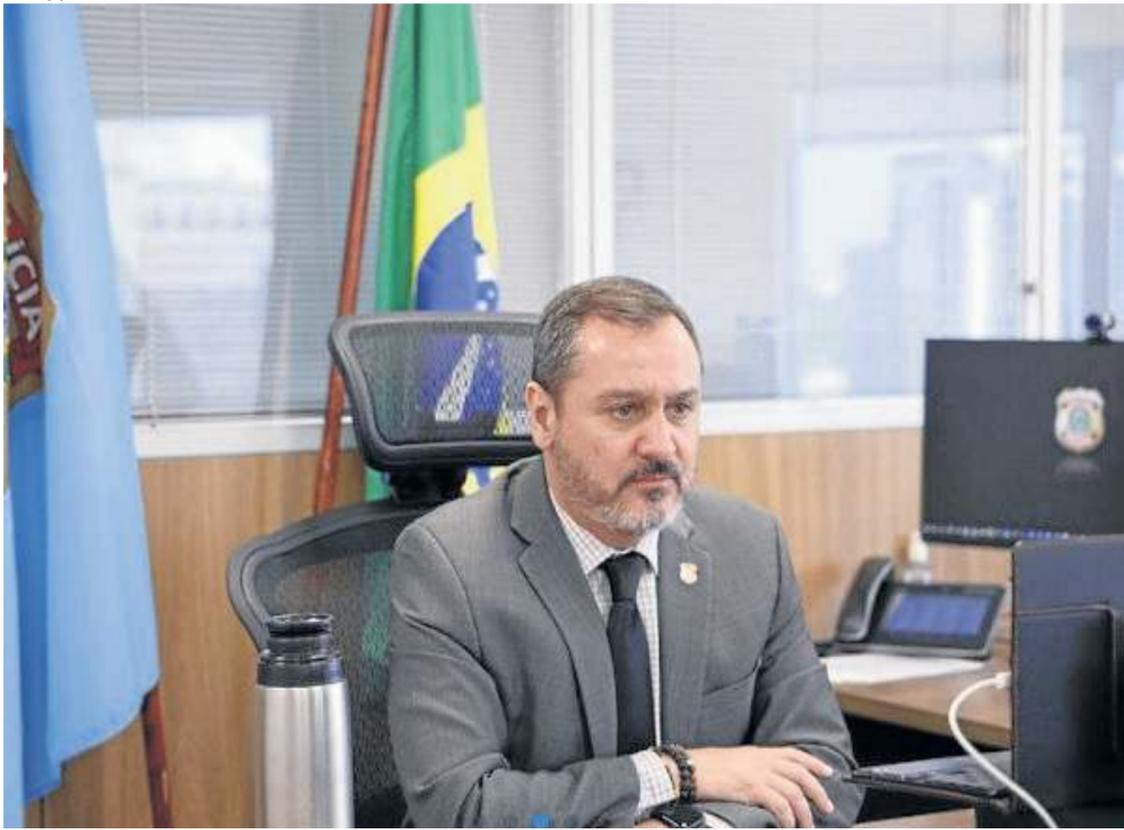
A Polícia Federal entrega hoje, ao governo do Equador, uma proposta de colaboração para enfrentar o crime organizado, que vem assolando o país desde antes das eleições presidenciais de 2023. Entre elas, está a possibilidade de abrir uma representação da PF em Quito, a fim de estreitar a relação com as forças de segurança equatorianas, fechar acordos de colaboração e trocar experiências sobre o combate às quadrilhas internacionais de traficantes de drogas.

O Equador enfrenta uma onda de terror promovida pelas quadrilhas, que se intensificou desde que José Adolfo Macías Villamar, conhecido como Fito, chefe da facção Los Choneros, fugiu de um presídio em Guayaquil. “Haverá o encaminhamento de propostas, tais como: intercâmbio de informações de inteligência para o enfrentamento do crime organizado, disponibilização de equipamentos de inteligência, apoio na identificação dos presos do sistema penitenciário equatoriano e oferecimento de cursos de descapitalização do crime organizado com a doutrina da Polícia Federal”, salienta a corporação.

Ontem, o diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, conduziu uma reunião extraordinária da Ameripol (Comunidade de Polícias das Américas), quando se discutiu a criação de uma representação no Equador nos moldes da que existe em Nova York, por exemplo. A direção da corporação cada vez mais dá ênfase ao princípio adotado na gestão do ministro Flávio Dino, na Justiça e Segurança Pública, de que o ataque ao crime organizado torna-se mais eficiente quando o combate é voltado para asfixia das movimentações financeiras e logística de drogas e armas das quadrilhas.

As propostas do Brasil e das 20 instituições, de 16 países que participaram da reunião da

PF/Divulgação



Andrei na reunião da Ameripol. PF deve levar aos equatorianos métodos usados no ataque às milícias e aos traficantes, no Rio e em São Paulo



Haverá o encaminhamento de propostas como: intercâmbio de inteligência para o enfrentamento do crime organizado e cursos de descapitalização

Nota da PF sobre a proposta ser levada aos equatorianos

Ameripol, serão encaminhadas conjuntamente. A PF pretende exportar sobretudo a experiência obtida no enfrentamento às milícias no Rio de Janeiro, depois de solicitação feita pelo governador do estado, Cláudio Castro.

Milícias

Um dos resultados obtidos é a prisão de Luís Antônio da Silva Braga, o Zinho, líder da maior milícia carioca, que entregou-se à PF, na véspera do Natal do ano passado. Contra ele havia 12 mandados de prisão em aberto, emitidos desde 2018. O motivo pelo qual o miliciano decidiu

se render é atribuído aos resultados da Operação Dinastia 2, desfechada em 19 de dezembro — quando foram apreendidos celulares e computadores com informações importantes sobre a quadrilha que atua em Campo Grande e Santa Cruz, na Zona Oeste da capital fluminense.

Da primeira Operação Dinastia, derivou a Operação Batismo, deflagrada em 18 de dezembro. Nela, a deputada estadual Lúcia Helena Pinto de Barros, a Lucinha (PSD), foi afastada por ser o elo político da milícia de Zinho. De acordo com o Ministério Público do estado do Rio de Janeiro (MP-RJ), a ofensiva tinha como

alvo atacar as conexões políticas do grupo paramilitar.

Outra experiência que deve entrar no rol de experiências a serem trocadas entre a PF e as forças de segurança equatorianas é a GLO (Garantia da Lei e da Ordem) que vem sendo executada nos portos e aeroportos do Rio e de São Paulo. Como o governo do presidente Daniel Noboa também vem utilizando as forças armadas desde que baixou o decreto de Conflito Armado, os brasileiros devem repassar o formato de atuação que agentes federais, auditores fiscais da Receita Federal e militares têm na GLO.

PARACATU

Laudo confirma mortes por intoxicação

» HENRIQUE FREGONASSE*

A Polícia Científica de Santa Catarina concluiu que os quatro jovens encontrados mortos dentro de uma BMW, na rodoviária de Balneário Camboriú, no dia 1º, foram vítimas de asfixia por monóxido de carbono. Segundo a investigação, o vazamento do gás venenoso foi causado por modificações irregulares no sistema de escapamento do veículo.

O anúncio, feito ontem pela Secretaria de Segurança Pública catarinense, confirma a suspeita levantada assim que os corpos dos quatro jovens foram encontrados. Os mortos são Gustavo Pereira Silveira Elias, de 24 anos; Karla Aparecida dos Santos, de 19; Tiago de Lima Ribeiro, de 21; e Nicolas Kovaleski, de 16. Eles eram de Paracatu (MG) e tinham se mudado para Balneário Camboriú em busca de melhores oportunidades de trabalho.

Falhas

As perícias apontaram que o catalisador — equipamento obrigatório no sistema de exaustão do motor e que transforma gases poluentes em não poluentes — havia sido substituído por outro — conhecido como *downpipe* —, manufaturado, instalado incorretamente e com falhas na soldagem. Os peritos constataram, ainda, que o rompimento nesse equipamento vazou o monóxido de carbono, levado para dentro do veículo pelo sistema de ar-condicionado — o que provocou a intoxicação dos quatro jovens.

Exames de sangue realizados nas vítimas constataram níveis de concentração de gás tóxico da ordem de 50%, o que é considerado altamente letal. Os jovens chegaram a ser socorridos e tentaram ser ressuscitados, mas tiveram as mortes confirmadas ainda no local.

A intoxicação ocorreu quando os quatro foram à rodoviária de Balneário Camboriú esperar a namorada de Tiago, que se juntaria ao grupo para festejar o ano-novo. Por terem chegado antes, ficaram esperando a moça no carro, com o ar-condicionado ligado. Quando ela desembarcou, percebeu que os amigos não se sentiam bem.

Para chegar à conclusão da intoxicação, a Polícia Científica realizou 18 exames periciais nos corpos das vítimas e no veículo. Testemunhas, parentes e proprietários das oficinas que fizeram as modificações na BMW também foram ouvidos no inquérito.

Três mecânicos serão interrogados na próxima semana. Junto com o responsável por uma das oficinas, em Paracatu, devem ser responsabilizados. “O inquérito aponta para o indiciamento por homicídio culposo, uma vez que foram os responsáveis pelas falhas e irregularidades encontradas”, afirmou o delegado Vicente Soares, que conduz o inquérito.

Os corpos de Gustavo, Tiago, Karla e Nicolas foram sepultados em 4 de janeiro, depois de um velório coletivo no Jockey Clube de Paracatu — que parou a cidade. Os quatro tinham se mudado para o município catarinense um mês antes da tragédia.

A BMW pertencia à mãe de Tiago, que, dos quatro, era o que tinha a melhor condição financeira. Os demais vinham de famílias modestas e a Prefeitura de Paracatu teve de ajudá-las a transladar os corpos.

*Estagiários sob a supervisão de Fábio Grecchi

ACIDENTE AÉREO

Helicóptero é achado sem sobreviventes

» MARINA DANTAS*
» VITÓRIA TORRES*

Depois de 13 dias desaparecido, o helicóptero com quatro pessoas que desapareceu, em 31 de dezembro, entre São Paulo e Ilhabela — litoral norte paulista —, foi encontrado ontem pela Polícia Militar. Os destroços estavam em uma área de mata fechada, em Paraibuna, e não havia sobreviventes. As vítimas Luciana Rodzewics; sua filha, Letícia Rodzewics Sakumoto; o piloto, Cassiano Teodoro; e um amigo das duas, Rafael Torres, foram identificados ainda a bordo dos restos da aeronave. A causa das mortes será investigada por exames necroscópicos do Instituto Médico Legal.

O local onde o helicóptero, um Robinson R44, prefixo PR-HDB, foi encontrado fica a 120km de distância do Campo de Marte, de onde decolou na tarde do último dia de 2023. Segundo parentes das vítimas, a ideia era ir a Ilhabela e voltar no mesmo dia. Mensagens de texto e de áudio trocadas durante o voo mostraram que houve mudança na rota da

viagem, que se seguiu a um pouso de emergência em uma área de mata, e a retomada do voo — que terminou em tragédia.

“A gente queria dar uma notícia diferente, mas, infelizmente, não foi possível”, lamentou o coronel Ronaldo Barreto de Oliveira, comandante da Aviação da Polícia Militar de São Paulo.

Mensagens

As mensagens de Letícia para o namorado, durante o trajeto, mostram momentos de angústia e um pouso de emergência — ela chegou a enviar fotos do local, com a legenda “Tempo ruim. Não dá para passar. Medo”, e não soube dizer a localização quando questionada a respeito. Raphael, por sua vez, remeteu mensagem de áudio ao filho, explicando a mudança de rota devido às condições climáticas ruins — e apontou a cidade de Ubatuba, também no litoral norte, como destino alternativo.

O Comando de Aviação da PMSP e o Corpo de Bombeiros

receberam, por volta das 22h40 de 31 de dezembro, um alerta sobre a ausência de registro de pouso da aeronave e a impossibilidade de contato com o piloto. A partir daí, as buscas começaram por Paraibuna, onde o helicóptero fez o último pouso documentado.

O Departamento de Operações Policiais Estratégicas obteve registros de que uma antena em Paraibuna captava sinais do celular de Raphael, às 23h54 do último dia de 2023. Essa pista se juntou aos sinais detectados do celular de Luciana, que os continuou emitindo até as 22h14 de 1º de janeiro. A Polícia Civil encontrou o local do pouso de emergência graças às mensagens de Letícia e ao rastreamento do celular de Luciana.

De acordo com a capitã Natália Giovanini, do Comando de Aviação da Polícia Militar, a região onde os restos da aeronave foram encontrados é de mata densa. Isso fez com que uma equipe descesse de rapel para investigar os destroços e confirmar a ausência de sobreviventes.

Divulgação/PMSP



Tripulantes da aeronave descoberta na mata não resistiram à queda